VIRGÍNIA VALADÃO
(1952-1998)

REGINA POLLO MÜLLER
Universidade de Campinas

Nos anos sessenta, na adolescência (nasceu em 13 de janeiro de 1952), ela agitava no Colégio de Aplicação da USP, eu imagino que bradando palavras de ordem com a firmeza, indignação e tenacidade que viriam acompanhar, durante toda a sua vida, a performance profissional. Ao lado desta guerreira de causas justas, imagino também que deveria emergir já nestes tempos cinzas, a criatura doce e lúdica que o sorriso largo manifestava. Disso, eu gostaria de dizer, era feita Virgínia Marcos Valadão: braveza e doçura.

Eu a conheci em 1972, menos brava talvez, mas imagino que tão agitada quanto, liderando adoráveis jovens alunos de Ciências Sociais da UNICAMP. Ela, na graduação, e eu, na pós, compartilhávamos Peter Fry, Verena Stockler e Antônio Augusto Arantes. E vivemos juntas na casa de Roberto Gambini.

Viva, tenaz, determinada. Alegre. Assim a conheci e me identifiquei: nós que, um pouco confusos, é verdade, estávamos determinados a experimentar novas relações com os professores, com a ciência e com a vida. Éramos alegres e artistas. Dançarinas. E nos formávamos, então, ao mesmo tempo, como cientistas e profissionais engajados. Tal como ela viria a se tornar.

Para descrever a obra intelectual e a trajetória profissional de Virgínia Valadão, eu não poderia deixar de relatar de início essas notas pessoais e esta versão, portanto comprometida, sobre sua personalidade e seu passado escolar. E existencial. Com a licença do leitor, este texto mistura vida e obra, eu e ela.

Anuário Antropológico/99: 237-240
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002

Também devo dizer, de início, que entendo obra e trajetória no sentido mais amplo de todas as ações políticas, atividades profissionais, projetos realizados, projetos futuros, militância, testemunho de vida, textos e imagens produzidas. E posso descrever, obra e trajetória, como um trânsito audaz entre as áreas da Antropologia, do Indigenismo e da Arte.

Na Antropologia, o projeto acadêmico dialogou com o indigenismo que esta geração de antropólogos inaugurou nos anos setenta, com o incentivo de Lux Vidal, mas com os limites que a instituição acadêmica impunha à sua incorporação. A dedicação a esta luta se incompatibilizaria, em certos momentos, com a vida acadêmica. Chegamos a desistir de suas amarras, voltamos para ela, as ONGs se consolidaram.

Na fundação (em 1979) e direção do CTI (Centro de Trabalho Indigenista), compartilhadas com Giberto Azanha, Maria Elisa Ladeira e Vincent Carelli, encontramos o mais contundente exemplo que Virgínia deixou de desbravamento e inovação de formas de atuação fundamentalmente baseadas na relação difícil, contraditória e que fez história no indigenismo brasileiro, entre o saber antropológico e o destino autônomo dos povos indígenas.

Incansavelmente, para compatibilizar a vida em família, Vincent e os filhos Pedro e Rita, o compromisso com os índios e o desafio de pensar antropologia, deslocava-se de um lugar a outro, dando-se inteira, ao mesmo tempo, a cada um deles. Ao lado das estressantes atividades para manter autônoma a organização indigenista, encontrava fôlego para se debruçar sobre temas e problemáticas antropológicas a respeito dos Xavante, dos Urubu Kaapor, dos Tembé. A liderança feminina representada por Verônica Tembé foi um dos objetos de estudo prediletos de seus projetos de pesquisa. A etnografia feita através do vídeo, a qual se dedicou a partir dos anos 80, representou contribuição importante neste campo. *Waiá: o segredo dos homens* (Vídeo cor, 15', 1988. Prod.: CTI), permanece como uma produção exemplar no registro impecável da vida Xavante através de um documentário sobre este ritual e, mais importante ainda, realizado a pedido deles e até hoje muito apreciado por muitos outros povos indígenas. Sua produção videográfica foi premiada mais de uma vez em mostras representativas do meio.

Produziu ainda textos paradidáticos de significativa distribuição, como o livro em co-autoria com Gilberto Azanha, *Senhores destas Terras – Os Povos Indígenas no Brasil, da colônia aos nossos dias*, em sua sétima edição (São Paulo: Atual Editora [Col. "História em Documentos"], 1998. 7ª

ed.). Publicou ainda nos *Cadernos da TV Escola*, projeto do Ministério da Educação e Secretaria de Educação à Distância.

Outra atividade profissional de Virgínia Valadão, onde se encontra o diálogo entre a Antropologia e o Indigenismo, foi a elaboração de laudos antropológicos e relatórios de identificação para processos de regularização de terras indígenas, aos quais se dedicou com a tenacidade de sempre e a competência com que na vida adulta se distinguiu[1]. Essa tenacidade e competência se integraram, por sua vez, ao modo artístico, sensível e instigador de abordar temas de pesquisa, projetos e assessorias, laudos técnicos e trabalhos de campo.

Nos quatro anos de pesquisa de campo para a realização da obra prima *Yãkwá, o banquete dos espíritos* (Vídeo cor, NTSC, 75', 1995. Prod.: CTI; Opan), levou também a disciplina, a seriedade, a etnografia densa e consistente ao diálogo com a reflexão teórica. E, desse modo, conseguiu, com a linguagem do vídeo, a magnífica síntese dos resultados desta investigação, que apresentou, pela primeira vez, o povo Enawenê-nawê.[2]

O vídeo foi a melhor forma de expressão, instrumento e metodologia que possibilitaria integrar objetivos indigenistas, compreensão das sociedades indígenas, percepção e elaboração artística e reflexão antropológica. Este projeto de reflexão e atuação artístico-antropológico-indigenista teria se desdobrado para além da produção videográfica. Não posso deixar de lembrar aqui do projeto desenhado em 1998, com o incentivo do grande amigo Silbene Almeida: a concepção de um espaço das artes vivas dos povos indígenas – performances, instalações, rituais, espetáculos e convivência intercultural – para a reabertura do Museu do Índio de Brasília.

De publicações e produções videográficas, de projetos futuros a serem realizados, de projetos realizados, de exemplo de vida, de utopias defendidas

1. Cf. Valadão, Virgínia. 1994. "Perícias Judiciais e Relatórios de Identificação". In *A Perícia Antropológica em Processos Judiciais* (Orlando Sampaio Silva et al., orgs.). Florianópolis: EdUFSC. pp. 36-41.

2. O vídeo recebeu os prêmios: Selected Work no 18° Tokyo Video Festival, em janeiro de 1996; Prêmio de Excelência do Júri do I Concurso Pierre Verger de Vídeo Etnográfico, na 20ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Salvador, em abril 1996; Melhor Documentário e Prêmio do Júri Popular TVE RioCine Festival, no 12° RioCine Festival, em julho 1996; e Melhor Vídeo Documental e Prêmio Walter da Silveira de melhor vídeo da XXIII Jornada de Cinema da Bahia, outubro de 1996.

e de laudos e relatórios que a academia ainda deve a publicação, é feita a obra de Virgínia Valadão. De bravura e alegria é feita sua lembrança.